



GT 64. Olhares Antropológicos sobre Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Coordenador(es):

Renata Menasche (PPGAnt/UFPel e PGDR/UFRGS)

Janine Helfst Leicht Collaço (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Necessidade de primeira ordem, o ato de comer é também fato econômico, social e cultural. Assim, ainda que inserida em rotina e aparente monotonia, a ingestão de alimentos não é ação neutra, revestindo-se de sentidos e valores, que se concretizam em escolhas e práticas alimentares. Comer é, também, ato político. Em 2014, após uma década em que o combate à fome orientara a agenda de políticas públicas, o Brasil deixou de constar do Mapa da Fome, quadro que, desde 2016, com a redução dos gastos sociais do governo, vem retrocedendo. Segundo a legislação brasileira, a Segurança Alimentar e Nutricional “consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”. É nesse quadro que este Grupo de Trabalho pretende provocar a reflexão, estimulando, a partir da Antropologia, a problematização de noções que constituem o marco conceitual do debate em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, acolhendo especialmente estudos etnográficos que abordem questões atinentes a classificações da alimentação e outras que possam iluminar, a partir de perspectivas de distintos grupos, critérios que falam de gênero, qualidade da comida, de fome, de obesidade, de saudabilidade, de sustentabilidade etc.

Derechos en cuestión: situaciones de exclusión identificadas por mujeres que utilizan servicios asistenciales de alimentación en Barcelona (Cataluña - Estado español)

Autoria: Ursula Peres Verthein (ODELA), Maria Clara Prata Gaspar (ODELA)

Este trabajo se desarrolló en un contexto de crisis socio-económica en Europa, y consecuentemente, en el Estado español, a partir del año 2008. El proceso de precarización cualitativo y cuantitativo generado por esta situación ha transformado los modos de vida de las personas que utilizan servicios asistenciales de alimentación en diferentes aspectos (aumento de la demanda de utilización de servicios asistenciales y problemáticas derivadas; cuestionamientos, por parte de la población en general, de la legitimidad de estos servicios, que pasan a ser considerados como ?gastos innecesarios?; transformaciones diversas, según las mismas personas ?usuarias?, en la actividad cotidiana de estos centros - como, por ejemplo, reducción de las cantidades de comida servidas o la calidad de las preparaciones). Esta investigación analiza, por lo tanto, a través de una aproximación etnográfica realizada en dos ?comedores sociales? de la ciudad de Barcelona (España), cómo las situaciones de exclusión identificadas por mujeres usuarias de estos servicios influyen en sus vidas, en general, y en sus prácticas alimentarias, en particular. Las narrativas revelan que las mujeres, en general, llegan al comedor social después de una ruptura, como el divorcio, la pérdida del trabajo o del hogar. Al mismo tiempo, refieren a una suma de situaciones de exclusión en sus frecuencias diarias a estos comedores, como discriminaciones relacionadas con la clase social, el género, la edad y el origen (si extranjeras). Las mujeres identificaron también un sentimiento de exclusión hacia ellas determinado por el predominio de "dinámicas masculinas" o en la construcción social de los comedores sociales (por sus diferentes actores) como ?espacios masculinizados?. Según estas, el comedor se construye socialmente a partir de la existencia de un perfil mayoritariamente formado por hombres, al ser ?un espacio hecho por hombres y para hombres?. Las entrevistadas identificaron la activación de diversos mecanismos y/o



estrategias para confrontarse a esta situación. En conclusión, establecimos relaciones directas entre los contextos de consumo alimentario en los comedores sociales, interpretados por las mujeres usuarias como ¿machistas? o ¿excluyentes? y sus efectos en la comida y en el comer en estos centros asistenciales. En este sentido, cuestionamos hasta qué punto estas acciones ¿machistas?, identificadas en nuestra etnografía, intervienen y comprometen derechos en el área de Soberanía y Seguridad alimentaria y nutricional.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: